

BRASÍLIA NA FESTA

Natal Eustáquio
Da equipe do **Correio**

OITENTA ANOS DE VIDA. QUARENTA DELES PASSADOS NA TERRA NATAL, O RIO DE JANEIRO. A OUTRA METADE, EM BRASÍLIA, A CAPITAL QUE ADOTOU AINDA EM 1958, QUANDO A CIDADE AINDA NÃO IA ALÉM DE ALGUNS TRAÇOS NO DESENHO DE OSCAR NIEMEYER. AQUI, O ARTISTA AJUDOU A ENCHER DE ARTE OS MODERNOS MONUMENTOS CRIADOS PELO AMIGO DE LONGOS ANOS.

Hoje, a cidade exibe nos diferentes eixos a arte de Athos Bulcão. O trabalho do mestre dos azulejos está presente na Catedral do Palácio do Alvorada, na igreja N.S. de Fátima (na 307 Sul), no Aeroporto Internacional, no Hospital Sarah Kubitschek, na (Interativa) fachada do Teatro Nacional, que tanto encanta as crianças que visitam o prédio.

Ano passado, quando soube que no último dia 2 de julho o artista completaria 80 anos, o diretor Sérgio Moriconi teve a idéia de realizar um filme sobre o trabalho de Athos Bulcão em Brasília. A decisão veio em alguns dias, depois de constatar que na linguagem audiovisual não havia obra que abordasse essa contribuição.

"O Athos é um artista fundamental para Brasília. O trabalho dele está presente em toda a cidade, embora as pessoas nem sempre se deem conta das obras dele nos projetos de Oscar Niemeyer", diz Moriconi, também autor do roteiro de *Athos*, um dos dois únicos curtas brasileiros (35mm) em competição na mostra deste ano — o outro é *Negros de Cedro*, de Manoel de Oliveira. Os curtas locais que não foram selecionados para a mostra competitiva serão exibidos em sessões separadas (veja matéria abaixo).

Rodado com orçamento de R\$ 55 mil, *Athos* não se preocupa em contar a vida do artista, e sim comentar a obra realizada por ele na cidade. "Não é um documentário convencional. Na verdade, conta pouco da vida dele. Trata do Athos do ponto de vista conceitual, a partir dos azulejos, das máscaras e de todo o trabalho dele."

Embora seja documentário, o filme de Moriconi mistura cenas de ficção quando procura identificar, por

meio de uma equipe de arqueólogos, a origem dos elementos presentes na arte de Athos Bulcão. O fio condutor de *Athos* é uma fotógrafa que procura desvendar a obra do artista.

Inicialmente rodado em super 16mm, o filme foi ampliado para 35mm nos Estados Unidos e resgatado o trabalho do artista ao longo de 20 minutos, quando ao final a tal fotógrafa encontra Athos e colhe dele um contundente depoimento — ele fala do caráter humanista de sua arte e sua aplicação na experiência concreta de Brasília.

"Como o Athos é uma figura de Brasília, apressei o filme para mostrá-lo aqui. Mas o trabalho dele é de dimensão nacional, por isso ainda vou discutir com o produtor Marcio Cury qual será o futuro de *Athos* depois do festival. Por enquanto, quero ver a empatia, a emoção que ele vai causar no público da cidade", diz Moriconi.

RESISTÊNCIA

Em *Negros de Cedro*, o cineasta paraibano Manoel de Oliveira, ex-diretor do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, enfoca a lenta agonia de uma comunidade negra que resiste isolada no sudoeste de Goiás, nos arredores da cidade de Mineiros. "Não se trata de um quilombo, mas de uma comunidade de ativa consciência de sua negritude", diz Caldas.

A comunidade de Cedro — o nome vem do fato de na região existirem muitas árvores da espécie — se formou ainda na época da escravidão, por iniciativa de Francisco Antônio Moraes, conhecido como Chico Muleque. "Ele trabalhava aos domingos e dias santos para si próprio e acabou comprando a sua alforria e da da família. E assim foi se formando a comunidade."

Caldas tomou conhecimento da existência da comunidade ao ler *Negros de Cedro*, livro de autoria da antropóloga Mari Nasaré Baiocchi. "Me interessei pelo assunto e no final de 1996 fui visitar o local. O meu cinema tem muito a ver com jornalismo, e aí nasceu o roteiro desse documentário etnográfico."

Ao longo de 15 minutos, *Negros de Cedro* conta a agonia dessa comunidade que hoje encontra-se em decadência graças à falta de divisão de renda, a mecanização dos meios de produção agrícola e o conseqüente êxodo rural. "Eles falam dos valores culturais, do preconceito e dos problemas enfrentados pelo cotidiano."

Ganhador do prêmio de melhor roteiro — escrito por Caldas em parceria com Vladimir Carvalho — na Jornada de Cinema da Bahia deste ano, *Negros de Cedro* deverá participar do Festival de Toulouse, na França, em março de 1999.

Mila Petrillo/Divulgação



O artista plástico Athos Bulcão é focalizado em *Athos*, curta de Sérgio Moriconi que mistura ficção e documentário

MOSTRA PARALELA INCLUI CURTAS LOCAIS

Gustavo Galvão
Especial para o **Correio**

Eles tentaram integrar a mostra competitiva de curtas em 35 mm da 31ª edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, foram barrados pela comissão de seleção, mas não ficarão de fora do baile, que começa hoje à noite, no Cine Brasília.

Eles — os curtas *Bom Dia, Senhor!*, de Erika Bauer, *Palestina do Norte: o Araguaia Passa Por Aqui*, de Dácia Ibiapina, *Retratos e Borboletas*, de Yanko Del Pino, e *Tangerine Girl*, de Liloye Boubli — serão exibidos na Mostra Curta Brasília, que integra a programação do festival, de quarta a sábado, às 19h, no Cine Brasília.

A Mostra Curta Brasília, solução encontrada pela organização do festival para prestigiar a produção brasiliense, foi bem recebida pelos quatro diretores, que poderão ter seus trabalhos vistos no mesmo palco da mostra competitiva, hora e meia antes dos candidatos ao Candango.

"Já que não tivemos o privilégio de competir, pelo menos teremos o de estar no mesmo local onde o festival acontece", conforma-se Dácia Ibiapina. "E ainda concorreremos ao Prêmio da Câmara Legislativa (de R\$ 10 mil)", complementa Erika Bauer.

A cineasta Liloye Boubli gostou da idéia, mas reclama do horário. Para ela, a mostra teria melhor repercussão se fosse no mesmo horário de exibição dos concorrentes. "O festival, que Brasília abriga, é nacional e todos têm direito a concorrer. Para dar maior visibilidade à produção local, criamos a Mostra Curta Brasília", explica Nilson Rodrigues, coordenador do festival.

Os quatro exemplos da produção brasiliense, em sua maioria, já

passaram — e foram bem recebidos — por outros festivais. *Retratos e Borboletas*, de Yanko Del Pino, por exemplo, concorreu ao Prêmio de Melhor Curta-Metragem do 6º Festival de Cinema de Cuiabá, cujo resultado será divulgado hoje à noite.

No filme de Yanko, uma borboleta sobrevoa a história de Brasília, registrada em fotografias de dez grandes fotógrafos. "A borboleta é o contraponto poético da animação", explica o diretor, lembrando que o filme conquistou o Prêmio Alex Viany na última edição do Rio Cine e estará no Festival de Havana, no final do ano.

Bom Dia, Senhor!, de Erika Bauer, narra o conflito de três senhoras octogenárias em relação à casa centenária em que moram, que, para duas delas, estaria ameaçada de desabar. "O filme é dedicado às tias do Brasil", diz a diretora, que, aliás, se inspirou em três tias suas para escrever o filme, exibido no Festival Inter-

nacional de Curtas de São Paulo. *Palestina do Norte: o Araguaia Passa por Aqui*, documentário de Dácia Ibiapina, conta o que aconteceu em Palestina do Norte, a cidade do Sul do Pará que, banhada pelo rio Araguaia, alojou os guerrilheiros do Araguaia. "O filme é a fala da população de Palestina do Norte sobre o que foi a Guerrilha do Araguaia", conta Dácia, que pontuou *Palestina...* com depoimentos de mulheres. "É que os homens da região sofreram muito na guerrilha e ainda temem falar sobre o assunto", explica.

Em *Tangerine Girl*, Liloye Boubli adapta o conto homônimo de Rachel de Queiroz. Em cena, Clara (Karla Manso), garota ingênua, coleciona presentes atirados de um dirigível norte-americano, que sobrevoava Fortaleza (CE) na Segunda Guerra Mundial. "*Tangerine...* é uma fábula sobre a ilusão que Hollywood plantou nas pessoas", afirma Boubli.

o primeiro longa-metragem a ser exibido no 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro ainda não chegou ao fim. Os 75 minutos de *Na Rota dos Orixás* são apenas o começo de uma série de quatro episódios que compõem o ambicioso — ao menos nas intenções — *Atlântico Negro*.

Dirigido por Renato Barbieri e roteirizado pelo professor aposentado do Departamento de História da Universidade de Brasília, Victor Leonardi, o documentário traça, em partes, as origens do negro no Brasil. Aproveitando-se disso, ele define também o impacto provocado pelo seu retorno à África.

Nesta primeira parte, com exibição marcada para 20h30, somente para convidados, Renato e Victor buscam na expressão da espiritualidade humana de cada lado do Oceano Atlântico um ponto de ligação Brasil-África. Para isso, registraram tanto em película quanto em vídeo manifestações como a festa do Dia Nacional do Vodou, comemorado a cada dia dez de janeiro, em Benin.

A partir de entrevistas com antropólogos e pais-de-santo maranhenses, baianos e beninenses, entre outros, *Na Rota dos Orixás* identifica o primeiro contato dos negros com os costumes brasileiros, por meio dos chamados "retornados".

PRIMEIRA NOITE TEM RETORNO À ÁFRICA

o primeiro longa-metragem a ser exibido no 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro ainda não chegou ao fim. Os 75 minutos de *Na Rota dos Orixás* são apenas o começo de uma série de quatro episódios que compõem o ambicioso — ao menos nas intenções — *Atlântico Negro*.

Dirigido por Renato Barbieri e roteirizado pelo professor aposentado do Departamento de História da Universidade de Brasília, Victor Leonardi, o documentário traça, em partes, as origens do negro no Brasil. Aproveitando-se disso, ele define também o impacto provocado pelo seu retorno à África.

Nesta primeira parte, com exibição marcada para 20h30, somente para convidados, Renato e Victor buscam na expressão da espiritualidade humana de cada lado do Oceano Atlântico um ponto de ligação Brasil-África. Para isso, registraram tanto em película quanto em vídeo manifestações como a festa do Dia Nacional do Vodou, comemorado a cada dia dez de janeiro, em Benin.

A partir de entrevistas com antropólogos e pais-de-santo maranhenses, baianos e beninenses, entre outros, *Na Rota dos Orixás* identifica o primeiro contato dos negros com os costumes brasileiros, por meio dos chamados "retornados".

HÁBITOS BRASILEIROS

"Nessas idas e vindas, eles começavam a formar uma comunidade brasileira no Benin. Tanto que na divisão de etnias, além dos Fon, Gun ou Iorubá, você encontra os brasileiros", exemplificou Renato em entrevista ao **Correio Dois**. "Os escravos que retornavam à África não voltavam para o Benin à toa. Eles saíram de lá, tinham começado uma vida por lá. Benin é a raiz de tudo", explica Victor Leonardi.

Hoje em dia, alguns hábitos tipicamente brasileiros — comer feijoada, farinha ou até mesmo acarajé — são tão corriqueiros neste pequeno país do Centro-Oeste da África quanto o de dançar a "burrinha", a avó do bumba-meu-boi, exportada para a África por ex-escravos e traficantes de escravos brasileiros. "O Brasil do século 19 está conservado de forma incrível no Benin", define o cineasta.

Premiado com R\$ 55 mil pelo último edital do Pólo de Cinema e Vídeo Grande Otelo, o projeto recebeu ainda o apoio do Ministério da Justiça, Itamaraty, Fundação Nacional Palmares, Unesco e Instituto Cultural Itaú (São Paulo) para a sua finalização. Orçado em cerca de R\$ 300 mil, *Atlântico Negro* investiga em seus episódios seguintes a cultura popular e a realidade social de países como Angola, Cabo Verde e Moçambique, sob os seus mais diversos aspectos.

SERVIÇO

31º FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO
Abertura do festival com a exibição do documentário *Atlântico Negro* — *Na Rota dos Orixás*, de Renato Barbieri. Hoje, a partir das 20h30, no Cine Brasília, somente para convidados.

Tanabata
ROBATA SUSHI

Sushiman Chiquinho San
Rodízio de Sushi e Sashimi,
às terças, quintas e sábados
a partir das 18:00 horas

CLN 110 • Bloco C • Loja 60 • Brasília-DF • Fone: 340-8248